

ALINHAVOS E RASGOS MATERNAIS: A (DES)EDUCAÇÃO DA MAMMA ITALIANA

Paula Cervelin **Grassi** – UNISINOS

Resumo

O estudo propõe o aprofundamento e a articulação dos significados sociais de ser mãe e as memórias de vida tecidas por um grupo de mulheres artesãs, descendentes de imigrantes italianos, chamado Clube de Mães da cidade de Caxias do Sul – RS. O clube de mães desenvolve artesanato, como crochê e bordado, o que pode ser visto como uma tecnologia social ao permitir a interação entre as integrantes e a comunidade, e também ao representar transformações na vida das mulheres envolvidas. Nessa comunicação será apresentada o contexto da pesquisa em andamento desde o recorte de estudos bibliográficos e metodológicos.

Palavras-chaves: Artesanato. Madresposas. Socialização do feminino. Feminismo. (des)Educação.

ALINHAVOS E RASGOS MATERNAIS: A (DES)EDUCAÇÃO DA MAMMA ITALIANA

Introdução

O estudo propõe o aprofundamento e a articulação dos significados sociais de ser mãe e as memórias de vida tecidas por um grupo de mulheres artesãs, descendentes de imigrantes italianos, chamado Clube de Mães Santa Rita de Cássia da cidade de Caxias do Sul – RS. Esse clube de mães desenvolve artesanato, como crochê e bordado, o que pode ser visto como uma tecnologia social ao permitir a interação entre as integrantes e a comunidade, e também ao representar transformações na vida das mulheres envolvidas. Nesse caso, o artesanato alia saber tradicional e organização social, gerando processos de ensino e de aprendizagem permeados pela criatividade e pela construção coletiva do conhecimento.

Referencial Teórico – Metodológico

Na antiga Colônia Sertorina, onde hoje é o bairro de encontro e moradia das mães do clube em estudo, eram realizados, segundo Favaro (2002), periodicamente os chamados “filós”, eventos de sociabilidade entre as famílias imigrantes nos quais as mulheres:

teciam, bordavam, costuravam, remendavam as roupas de trabalho de toda a família... e rezavam. (...) Este encontro familiar/vicinal denomina-se “filó”. Segundo a própria etimologia da palavra, é o espaço e o momento de realização dos “seus” trabalhos manuais, um espaço “feminino”. (p. 177)

Deste modo, a roda de trabalhos manuais ancorados na memória dos “filós” é elemento aglutinador da subjetividade durante a realização da pesquisa. Através do método quantitativo (MOREIRA, 2002) baseado na observação participante, preveem-se entrevistas individuais e coletivas (narrativas orais), registro do processo manual das criações através de fotografias e filmagens e a experiência da pesquisadora em aprender uma das técnicas artesanais desenvolvidas pelo clube.

Para Josso (2004) a pesquisa das narrativas das histórias de vida coloca a pessoa como objeto e sujeito e possibilita uma pesquisa-formação ao mediar o processo de conhecimento de si na existencialidade. A elaboração de autorretrato dinâmico evidencia as posições existências das pessoas ao refletirem suas diferentes identidades que as orientaram e orientam; opções passivas ou deliberadas; suas representações e projeções. “Permite ao autor da narrativa tomar consciência da sua postura de sujeito e das ideias que, consciente ou não conscientemente, estruturam essa postura.” (p. 59). O olhar-se para si, para a sua experiência, produz conhecimento e significação das vivências, tornando-as experiências de vida. A autora também refere que o olhar para si alcança quem pesquisa ao ponto de apresentar a concepção de pesquisa-formação.

Tarefa desafiadora especialmente para as mulheres, uma vez que dizer “eu” não é fácil “a quem toda uma educação inculcou a conveniência do esquecimento de si mesma” (PERROT, 2005, p. 42). O abandono e o esvaziamento são marcas de uma pedagogia que culpabiliza e inferioriza as mulheres, tornando-as dominadas e admiradoras de quem as domina. Olhar para si própria, através da narração da sua história de vida é um primeiro passo para enfrentar essa realidade, que pode ser compreendida como uma situação – limite (FREIRE, 2005).

A história oral, metodologia de pesquisa que faz uso da fonte oral, é um meio de

conhecimento e registro histórico das mulheres visto que a narrativa histórica tradicional lhes deu pouco espaço (PERROT, 2005, p. 40). Para Alberti (2010), um caminho para o registro das manifestações que dão sentido aos diferentes grupos sociais, permitindo o conhecimento de experiências e modos de vida da sociedade. Um acesso a uma multiplicidade de “histórias dentro da história” (p. 166).

A proposta metodológica prevê a integração das narrativas de vida à ação de tecer e costurar. Benjamim (2012) afirma que a “narrativa é uma forma artesanal de comunicar” e acrescenta à relação, que as histórias eram narradas em torno das mais diversas e antigas formas de trabalho manual: “Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história”. (p. 220). Para as mulheres, a relação é ainda mais próxima da arte de narrar, pois sua memória é verbo, “está ligada à oralidade das sociedades tradicionais que lhe confiavam a missão de contadoras da comunidade da aldeia” (PERROT, 2005, p. 42). Favaro (2002) acrescenta: “coube à mulher transmitir oralmente os valores, os saberes, o cotidiano familiar e da comunidade” (p. 18)

A pesquisa ao interligar pesquisa-formação (JOSSO, 2004) e história oral (ALBERTI, 2010) possibilita convergências correlacionando as narrativas de vida, as representações de si e do mundo e o contexto sociocultural.

A (des)educação a partir da “situação-limite”

Ao longo do século XX, as mulheres foram educadas sob o olhar vigilante de instituições (família, escola, igreja, poder judiciário) para ocuparem as funções “naturais” reservadas a elas, como a maternidade, a obediência ao marido e a dedicação ao espaço privativo do lar com tarefas domésticas e manuais. Modos vigentes que confluíam com os trazidos pelas mulheres italianas na emigração ao sul do Brasil ao final do século XIX e início do século XX, na chamada Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul. Nessa região, construiu-se uma figura da *mamma* de origem italiana: mulher católica, resignada, trabalhadora, amável e dominadora da casa.

Marcela Lagarde (2005) desenvolveu a categoria *madresposa* para traduzir a função social ligada à maternidade e conjugalidade destinada às mulheres. “Ser madre y esposa consiste para las mujeres en vivir de acuerdo con las normas que expresan su ser – para y de – otros, realizar actividades de reproducción y tener relaciones de servidumbre voluntaria” (p.363). A função social da reprodução organiza o caminho

vital e dá o sentido da vida de todas as mulheres, inclusive as mães não biológicas. A tarefa maternal de cuidar de alguém é a eterna virtude do universo feminino.

O dom de *ser de alguém e para os outros* (LAGARDE, 2005, p.64) é também sagrado. “La Virgen simboliza a la mujer como madresposa” (p. 366). A tradição cristã sustenta a imagem sagrada do materno e inspira as mulheres a testemunharem seu devotamento aos filhos e ao marido, assim como a Maria bíblica.

O cristianismo ao longo dos séculos e por meio, em particular, da Igreja Católica manteve em seu interior uma relevante participação quantitativa de mulheres. Na história recente incentivou a participação feminina em grupos, como os Clubes de Mães, conduzindo “a reafirmação da atribuição prioritária das mulheres à esfera doméstica. Mas, ao mesmo tempo, colocou possibilidades de criação de espaços coletivos de articulação e discussão da experiência cotidiana das mulheres” (NUNES, 1994, p. 41).

A Associação do Clube de Mães Santa Rita de Cássia, com sede na região administrativa Desvio Rizzo do município de Caxias do Sul no Rio Grande do Sul, reúne-se há cerca de 40 anos. Uma história protagonizada por mulheres que carregam marcas comuns: mães, aposentadas, líderes leigas da paróquia local, moradoras da comunidade e descendentes de imigrantes de origem italiana. O grupo formado por aproximadamente 30 mulheres encontra-se semanalmente para “conversar, costurar, assar pães e cucas, trocar experiências”. (PIONEIRO, 2012, p. 32).

Os trabalhos manuais realizados giram em torno das técnicas do tricô, bordado, fuxicos e crochê. Há também a costura, a produção de sabões e a culinária de massas da cozinha italiana, como o *spaguetti* produzidas de forma artesanal. O resultado final gera renda ao grupo e é comercializado na própria sede. Outras criações como as colchas de retalhos e roupas infantis são doadas para entidades da cidade. Trata-se de uma ação social partilhada com a atuação religiosa e comunitária. A participação na tradicional Festa da Uva, festividade que celebra a história da imigração italiana e o progresso agroindustrial da região, é um exemplo da presença e da notoriedade do clube na cidade.

O trabalho manual, enquanto “saber - herança” das antepassadas e vestígio de criação e construção de si e do grupo, não deve ser considerado apenas como uma ocupação de extensão da esfera privada destinada ao feminino. Pode ser analisado como espaço privilegiado da criatividade e da subjetividade, no qual os sujeitos expressam seus modos singulares, suas histórias e idealizações de vida, inteirados com as representações do mundo socialmente construídas.

A problemática de pesquisa desdobra-se em outros questionamentos associados ao capital social adquirido no grupo e a circulação de um trabalho “privado” na esfera pública. Quais as aprendizagens e a(s) experiência(s) captadas enquanto indivíduo e grupo? Reunir-se, tecer e conversar produz em “efeito terapêutico”? Transitar do privado para o público transforma o artesanato numa alternativa emancipatória?

Nesse sentido, a pesquisa tem como problemática a análise dos significados sociais e as memórias de vida tecidas enquanto grupo de mães artesãs, que ora contribuíram na cristalização da representação *madresposa*, especialmente da *mamma* italiana, e ora romperam com tal imaginário. Buscar-se-á observar o quanto, ao narrarem suas histórias, poderemos perceber com elas a compreensão das “situações-limites” que educaram para a submissão, mas que simultaneamente deseducaram, ou seja observar os impasses, as sabotagens e as rupturas do modelo da *mamma*.

Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2010.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8.ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012

FAVARO, Cleci Eulalia. Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004.

LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. Los cautiveros de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas. 4 ed. México: UNAM, 2005.

MOREIRA, Daniel Augusto. O método fenomenológico na pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NUNES, Maria José Rosado. De Mulheres, Sexo e Igreja: uma pesquisa e muitas Interrogações. In: AMADO, Tina; COSTA, Albertina (org). Alternativas Escassas: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC; 2005.

UVAS ao forno. Pioneiro. Caxias do Sul. 28 fev. 2012. P.32